



Defesa de Espinho

SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

A. Câmara Municipal de Espinho

ESPINHO

SÁBADO

13

Abril - 1968

N.º 1880

Ano XXXVII Sem VIII

(AVENÇADO)

Publicado pela C. de Câmara

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 - ESPINHO
Telefones: 920113 (p. c.) e 920187 (Residência do Director)

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO
BENJAMIM DA COSTA DIAS

Administrador: M. BEAGA DIAS
Comp. e Imp. na TIPOGRAFIA ESPINHOESA - Rua 14 - Telef. 920187

... E Ressuscitou como disse ALELUIA! ALELUIA!

A Páscoa é como o Natal, uma das festas mais queridas e significativas da humanidade.

São as festas, por excelência da família, a que a Igreja dá maior relevância e solenidade.

No entanto, a Páscoa reveste-se ainda, se tal é possível, de uma maior projecção.

Assim como o Natal é uma festa essencialmente da família, a Páscoa reveste-se de uma maior universalidade, porque no campo social permite, inclusivé, uma maior comunicabilidade entre as diversas famílias, entre os amigos e os vizinhos.

A Páscoa é uma Festa com profundo sentido religioso em que o homem sente pelos efeitos da Fé e da tradição a necessidade de compreender cada vez melhor a doutrina de Cristo: «Amai-vos uns aos outros como eu vos amei».

A Páscoa já é celebrada há mais de 30 séculos. Para os judeus era a festa comemorativa da sua libertação do pesado jugo de Faraó e a passagem do Mar Vermelho, a pé enxuto, para a Terra da Promissão.

Palavra de origem hebraica que significa «passagem» — Páscoa significa para os cristãos a passagem da lei antiga para a lei nova, enfim, significa ainda a libertação do género humano do jugo de Satanaz para o de Deus, por virtude dos merecimentos da paixão e morte de Jesus Cristo.

A humanidade esperava e a Ressurreição do Senhor confirmou-se. O homem que nasceu para ser feliz e tem, naturalmente, a nostalgia da felicidade, procura-a insatisfeito na sua breve passagem por este mundo, quantas vezes sem poder encontrá-la, por não ter acertado com o caminho que a ela o podia conduzir.

Por Gomes de Castro

A Igreja, que prega a doutrina de Cristo como caminho único para chegar à felicidade, não podia deixar de solenizar da melhor maneira tão importante Festa do seu calendário litúrgico. A humanidade constituída por crentes, ateus e indiferentes não consegue dissociar-se da solenidade contagiante da festa da Páscoa celebrada e solenizada pela Igreja. Implícitamente, mais ou menos aviva a Fé que irradia da doutrina da Igreja contacta toda a humanidade que aceita a vida espiritual como predominando sobre a matéria e buscando mais além a felicidade que não encontra na terra.

São estas festas solenes de carácter marcadamente social e cristão que mais tocam os corações dos homens, das famílias e de toda a humanidade.

Não há ninguém no mundo

que resista ao perfume espiritual das festas do Natal e da Páscoa. Os homens em guerra nas frentes de batalha, lutando por ideais, quantas vezes diametralmente opostos, mas onde impera, quase sempre, o interesse mesquinho e terreno, sentem qualquer coisa nestas festas, que os não deixa lutar e, daí, surgem normalmente as tréguas ou o abrandamento da luta. Este facto é mais significativo do que o que «à priori» se pode imaginar. Significa que, afinal, o homem sente que fazendo guerra não pode encontrar felicidade, que ela não é o verdadeiro caminho da felicidade, que é, enfim, um processo hidiondo para encontrar a paz que nega na própria injustiça a que conduz com as suas nefastas consequências.

As tréguas, que invariavelmente surgem nestas datas solenes, são, nem mais nem menos, um acto de fé, um acto de reconhecimento sincero de que o caminho que a humanidade está a seguir não é o verdadeiro caminho para dar a felicidade que os homens pretendem alcançar.

Oxalá que a Páscoa de 1968 conduza a humanidade a umas tréguas perpétuas que a paz surja em todo o mundo e que a humanidade se conheça e respeite melhor e, então, toda a humanidade vestiria as melhores galas para cantar em coro «Aleluia! Aleluia!»

A Comemoração do Cinquentenário da batalha de "La Lys" teve brilhante solenidade em Espinho

Depois da missa celebrada na Igreja Matriz pelo pároco de Espinho, rev.º Artur Martins da Silva, teve lugar, com início às 10 horas, na Praça dos Combatentes, e à volta do elegante monumento em memória do acontecimento histórico que cobriu de glória o Exército Português representado pelo Corpo Expedicionário que, com heróica bravura, destemidamente enfrentou na região de Flandres, em França, no dia 9 de Abril de 1918, um forte corpo do Exército Alemão, sacrificando-se, mas com glória, perante um exército muito superior em número e armamento.

Em frente ao monumento faziam a guarda de honra, dois pelotões do Grupo de Artilharia Contra Aeronaves n.º 3, (GACA 3) e do lado oposto encontravam-se os srs. Coronel Mário Fernandes da Ponte, Comandante Militar de Espinho; Coronel Alves da Silva, antigo comandante militar de Espinho; major Amílcar de Sampaio Rodrigues, comandante do G. A. C. A. - 3; Major Belmiro Pereira, antigo comandante da Secção da G. N. Republicana de Espinho; Dr. António Pereira Pinto, presidente da Câmara M. de Espinho; Dr. Manuei Baião Nunes dos Santos, presidente da Delegação de Espinho da Liga dos Combatentes; João Lopes da Fonseca, Provedor da

S. C. da Misericórdia; Chefe Manuel Emídio, comandante interino da Polícia de S. Pública de Espinho; 1.º Sargento-ajudante Moraes, representante da Legião Portuguesa de Espinho; Arq.º Jerónimo Reis, presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados; Joaquim Moreira da Costa Jr., presidente da Direcção dos Bombeiros V. de Espinho; António de Sousa Couto, Comandante dos Bombeiros V. Espinhenses; antigos e novos combatentes e expedicionários, etc.

Terminado o sentido toque da Ordenança, pelos clarins do G. A. C. A. - 3, e apresentando armas os militares da guarda de honra, o sr. Coronel Alves da Silva, seguindo já uma tradição nesta cerimónia patriótica, pronunciou uma eloquente e sentida elocução aos que morreram pela Pátria, exaltando o civismo e a coragem do Soldado Português, que ele já teve a honra de comandar em terras portuguesas da África.

Terminada a tocante cerimónia, todas as individualidades presentes se dirigiram para o cemitério local, visitando as sepulturas dos combatentes da França ali sepultados, entre eles o saudoso Silvério Vaz, e o furriel miliciano, José Fernando Pinto de Macedo, e outros combatentes em África.

O Portugal Euro-Africano e o Brasil...

Vai sendo compreendido, graças a Deus, que o concluído contra a presença de Portugal em África é, também, um concluído contra o Brasil.

Se o Mundo procura desconhecer, contra o que é natural, que Portugal, desde há séculos, criou e enraizou uma civilização multirracial, não seria admissível que o Brasil, exemplo vivíssimo dessa civilização, o esquecesse renegando-se, portanto, a si mesmo.

Diminuir a área de influência da cultura lusada, por responsabilidade dos próprios povos lusos, é crime atentatório da natureza portuguesa e brasileira.

Mantê-la, em toda a sua projecção, é dever e é necessidade vital.

Por isso mesmo, a concretização da Comunidade Luso-Brasileira será a melhor forma de perpetuarmos na História, para recíproco benefício dos dois povos, uma das mais belas e fecundas obras do engenho humano.

O Brasil, não pode esquecer que foi gerado pelo esforço e pela inteligência lusadas e que, no continente americano, é o guardião das melhores tradições da civilização portuguesa.

Quando Portugal defende, em África, a sua unidade territorial,

por Félix de Paiva

defende, pois, o próprio Brasil, nas suas tradições, nos seus interesses, na sua civilização.

Ora, nesta ordem de ideias, parece natural que o Brasil, mesmo pensando mais em si do que em nós, defenda, a todo o transe e seja onde for, a política ultramarina portuguesa.

No passado dia 19 de Março, um brasileiro ilustre, o Prof. Ovídio da Cunha, catedrático de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, discursando no Centro dos Portugueses do Ultramar, corroborou precisamente o que acabamos de dizer, ao afirmar: «Se Portugal saísse da África cometeria uma deserção perante a cultura e a civilização ocidentais»; «Estou ao lado dos que defendem a unidade territorial portuguesa porque, como brasileiro, quero ver a língua e a civilização portuguesa «preservadas» no Mundo, particularmente em África».

Ora a língua e a civilização portuguesas estão continuadas e perpetuadas no continente americano precisamente pelo Brasil. Isto quer dizer que a continuação de Portugal em África pode ser a presença do

Continua na 2.ª página

"A Língua Portuguesa no Mundo"

Conferência proferida pela Ex.ma Doutora D. Maria de Lurdes Henriques Mingocho Pinto Correia, distinta professora da Secção Liceal de Espinho, no dia 27 de Março findo — integrada na «Semana do Ultramar» e que constitui uma notável lição sobre a Língua Portuguesa

Ex.mo Senhor Reitor do Liceu Nacional de Vila Nova de Gaia;
Ex.mo Senhor Vice-Reitor da Secção;
Ex.mas Autoridades;
Minhas Senhoras e Meus Senhores;
Prezados Colegas;
Caros Alunos:

Começo por agradecer a V. Ex.ª Senhor Vice-Reitor, as palavras tão elogiosas quanto imerecidas que teve a amabilidade de me dirigir, bem assim como o honroso convite para vir hoje aqui dizer algumas palavras sobre a «LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO», tema proposto pela Sociedade de Geografia para as comemorações da Semana do Ultramar.

Ora, um assunto tão vasto e de tão alta responsabilidade não é decerto da minha competência, e outros, mais autorizados, o tratariam com maior brilho e eloquência. Porém não estou aqui como perito da Língua, mas tão somente na minha qualidade de professora e de portuguesa. E como portuguesa vos falo, com o coração nas mãos e animada por um patriotismo fervoroso, num tempo em que «todos

não são demais».

Mais uma vez a viagem do Senhor Presidente da República ao Ultramar Português nos demonstrou quão «distribuídas geograficamente pela Europa e pela América, pela África e pelo Oriente», expandido é o nosso lindo idioma no Mundo inteiro. Falam-no «cem milhões de almas», como afirmou anteontem, na sessão de abertura das comemorações da Semana do Ultramar, o ilustre Catedrático da Universidade de Coimbra, Dr. Herculano de Carvalho.

E a língua portuguesa que une no mesmo amplexo brancos, pretos e mestiços, gente de todos os credos, de todas as origens e de variadíssimos costumes. Em todas as províncias ultramarinas existem hoje escolas e missões portuguesas em que são ministrados os ensinamentos da Língua Pátria.

Uma jovem professora branca, que durante o ano passado percorreu o mato de Angola em comissão de serviço, contou, profundamente enternecida, que os indígenas adultos caminhavam muitas vezes quilómetros a pé para fazer o exame numa escola ou numa missão portuguesa, e todo aquele sacrifício o faziam alegremente e com orgulho por se sentirem portugueses de lei.

Ora, como se podem explicar tais factos?

Num breve relance vamo-nos reportar à formação da Língua Portuguesa. Veremos portanto quais as suas origens, quais as influências sofridas e a sua evolução.

As origens do idioma perdem-se,

tal como as da raça lusa, na bruma da História. E' indiscutível, no entanto, que o português é uma língua latina — atestam-no os vocábulos e a construção da frase. Temos, porém, de fazer também referência à influência, embora ligeira, que o substrato e os superestratos peninsulares nela tiveram.

Como se sabe o latim foi trazido para a Península pelos Romanos que, na ansia desmedida de dominarem o mundo de então, aqui chegaram, depois da segunda guerra púnica, em 218 a. C., e empreenderam a sua campanha, que visava a conquista da Península.

A luta, no entanto, havia de se prolongar por quase dois séculos, já que os romanos tiveram que enfrentar a feroz resistência dos povos que nela viviam, nomeadamente dos Lusitanos, que habitavam entre Douro e Tejo, e tiveram como chefes Viriato e Sertório.

Vencida por fim esta resistência, impuseram a sua autoridade a todos os povos peninsulares, os quais, com maior ou menor relutância, acabaram por se subjugar aos usos e costumes dos vencedores e adoptaram até a própria língua.

E quem eram esses povos que habitavam a Península antes da chegada dos Romanos?

Eram essencialmente Lígures, Ibéricos e Celtas, embora os fenícios e os gregos também tivessem deixado assinalada a sua passagem.

No ano 600 a. C. os Celtas invadiram a Península pelo Norte, travaram luta violenta com os Ibéricos, mas acabou

continua na 2.ª pag.

Confraternização Intimo, de Elevado Sentido Jornalístico e Bairrista

Aconteceu no Domingo de Ramos. Dia em que se segtam os ramos de oliveira, depois de aspergidos com água benta, como símbolo da subida para o Calvário...

A luminosidade de um lindo sol veio alegrar a urba Espinhense, com os seus raios estalantes, dando mais vida, mais vivacidade aos contrastes, mais cor aos telhados do seu casario e ao verde das arvores que povoam as suas artérias.

Até o mar cantava os seus poemas, batendo na praia com suavidade!

Foi neste cenário maravilhoso que se reuniram em amistososa confraternização, os colaboradores deste semanário, sob a presidência do seu querido director, sr. Benjamin da Costa Dias e Ex-ma Esposa, sra. D. Maria Madalena Braga Dias.

O ponto central deste encontro de verdadeira amizade, teve lugar no Restaurante «Aquário», durante um almoço regatado, estando presentes os srs. Martins Gomes e esposa, Gomes de Castro e esposa, Ferreira da Rocha e esposa, e Pinto Ribeiro. Compareceram também, os colaboradores do Suplemento Literário, srs. Francisco Manuel do Couto e esposa, e Joaquim Couto.

De salientar, a nota elegante e graciosa da presença das senhoras, companheiras de todas as horas, que deram ao ambiente aquela distinção própria dos momentos solenes, como aquele que se viveu, para comemorar o aniversário de «Defesa de Espinho».

Não obstante, havia a notar a ausência de um colaborador valioso, decidido, pelo entranhado amor à sua e nossa terra. Trata-se de Álvaro Pereira, que, por motivos inaniáveis não lhe foi possível comparecer.

Entretanto, todos os presentes, companheiros da mesma luta por Espinho, sentiram o vazio do lugar.

Abriu a série de brindes o camarada Pinto Ribeiro, no estilo próprio que lhe é característico, começando por saudar o nosso director e esposa, todas as senhoras presentes e os seus camaradas que trabalham na «Defesa».

Depois, e por proposta de Martins Gomes, falou em nome dos restantes o jovem Joaquim Couto, que, saudando igualmente os presentes, relembrou um orador de mérito, do qual muito há a esperar.

Declinou-se animado para prosseguir, sempre com o objectivo de acelar pelo engrandecimento material e cultural de Espinho, com verdadeira acuidade e total devoção.

Gostamos sinceramente e confessamos, da presença destes novos, mas gostamos e levamos muito mais da sua firme posição de enfileirar no lado dos mais velhos, como que a afirmar que a obra da «Defesa» tem que ter continuidade, porque eles o querem e Espinho o exige.

A encerrar, usou da palavra o nosso director. Começou por saudar e agradecer a presença dos seus colaboradores e esposas. Confessou-se desvanecido por tantas provas de boa amizade; e, por detrás das lentas dos seus olhos, podia ler-se na expressão e no bailado das meninas os olhos uma satisfação incoitada, por se ver rodeado da sua equipa de trabalho, que tudo quanto é possível tem dado para valorizar e seu e nosso orgão e a terra sagrada que lhe deu o nome.

Disse ser grato no seu coração e momento inolvidável que se estava a viver; e que a «Defesa de Espinho» usara sempre na primeira linha de combate, a debater problemas da Terra-Mãe, a apresentar sugestões e avisos, e até a estabelecer diálogo franco e honesto, de modo a que as soluções a dar sejam as que mais se ajustam aos superiores interesses desta amada Estância Turística, com toda a propriedade denominada de «Rainha da Costa Verde».

A terminar, formulou veementes votos de prosperidade para todos os presentes, que agradeceram com uma quente salva de palmas.

Durante o repasto, o nosso camarada Pinto Ribeiro, na sua qualidade de delegado da «Casa de Espinho» do Rio de Janeiro, fez entrega de um lindo emblema desta Instituição ao sr. Benjamin Dias, convidando a senhora de Ferreira da Rocha a colocá-lo na lsepela de homenagem, cerimonia que foi sublinhada com uma salva de palmas.

JOÃO DO MAR

Registo Social

Aniversários

FAZEM ANOS:

Hoje, dia 13, a sra. D. Maria Emilia Loureiro, esposa do sr. Fernando dos Santos Tavares, de Matosinhos; o menino Jorge Fernando, filho da sra. D. Maria de Jesus Alves Pereira de Castro, do Porto; os srs. dr. Jose Maria Teles Tavares, ausente em Angola, e Joaquim P. de Oliveira, de Anta; e as meninas Ana Maria Roldão Duas, filha do sr. Daniel da Silva Duas, de Anta, e Ana Isabel Garcia de Oliveira, filha de sr. José Oliveira;

Amanhã, dia 14, os srs. dr. Luis Manuel Airão Marques, filho do sr. dr. Vasso Luis Marques, ausente no Porto, Nuno Alvares Ramos Pereira, filho do sr. dr. Fernando Rogério Ramos Pereira, Manuel de Sá, pai do sr. Camilo da Luz Almeida, e Leuitano Gil; o menino José Daniel, filho do sr. dr. Antonio Tavares Nogueira; e a menina Rosalina de Jesus Ferreira, filha do sr. Manuel Ferreira da Silva;

— em 15, as sras. D. Rosa de Couto Soares, filha do sr. António de Sousa Couto, D. Margarida Taboada de Oliveira, esposa do sr. José Carvalho de Oliveira, ausente no Porto, e D. Maria Emilia Herdeiro de Figueiredo, mãe do sr. Armando Herdeiro Figueiredo; as senhorinhas Maria Odete Dias de Sousa, filha do sr. Joaquim Pereira de Sousa, do Porto, Rosa de Almeida Frutuoso, de Anta, e Maria Amelia Ferreira, filha do sr. Valentim Duarte Ferreira, também de Anta; e o menino Luis Daniel da Rocha Baptista Pereira, filho do sr. João Baptista Pereira, ausente em Barra-Meçambique;

— em 16, as sras. D. Elvira Pinto Alves Brandão Lsg., ausente na Granja, D. Hermínia Glória da Silva, mãe do sr. Carlos de Oliveira, D. Palmira Alice Cardoso, mãe do sr. Hermínia de Almeida Cardoso, e D. Maria da Silva Baptista Lopes, esposa do sr. Adriano Pereira Lopes; e o menino Miguel Rui, afilhado da senhorinha Maria de Fátima Marques Tavares;

— em 17, os meninos Serafim Ferreira Gomes, filho do sr. Antonio Rodrigues Gomes, José Fernando, filho do sr. Joaquim Alfredo da Cruz Rodrigues, e Alberto Mário da Rocha Morgado, irmão do sr. Vitor Armando da Rocha Morgado;

— em 18, as sras. D. Liberta Postal Dias, esposa do sr. Carlos de Sousa Dias, ausente nos Carvalhos, e D. Maria Rosita Pinto A. Rosado Lopes, filha da sra. D. Rosa Pinto Lopes, de Matosinhos; o menino Ricardo António Gomes de Oliveira; e o sr. Adão Rodrigues Pinto Loureiro;

— em 19, os meninos Jorge A. Iglésias Morgado, filho do sr. sr. Adriano de Pina Morgado, de Lisboa, Vitorino Gomes Pinto, filho do sr. João Alberto da Rocha Pinto, de Silvalde, e os meninos Santos Oliveira, filho do sr. Manuel Augusto de Oliveira Ventura; e os srs. Francisco Brandão Resende e Alberto Brandão de Castro Lima, e o menino Mário Fernando Pinto de Sá Queiroz, sobrinho das Irmãs Queiroz.

Distinção

Foi aprovado com distinção pelo Instituto Superior de Corte «Alta Costura» o sr. José Ricardo Mano, filho do industrial de alfaiataria local, sr. Américo Domingues Mano.

Por tal motivo, seu tio, Domingos da Rocha Mano, felicita-o, augurando-lhe um bom futuro.

Matosinhos, 9/4/68

DOMINGOS DA ROCHA MANO

Maria Otília de Sousa

Monteiro Reis

Missa de sufrágio

Um grupo de Senhoras Amigas da bondosa Tulinha, mandam rezar uma missa por sua Alma, no dia 20, às 19 horas, na Igreja Matriz desta vila.

Agradecem a comparação das pessoas amigas e conhecidas.

“A LINGUA PORTUGUESA NO MUNDO”

Continuação da 1.ª página

por se dar a fusão étnica e cultural dos dois povos, que formaram os Celtiberos. Ao mesmo tempo os Cartagineses penetravam pelo Sul, e foi importante o sua acção como comerciantes e colonizadores.

Dos idiomas que estes povos falavam poucos vestígios subsistem, apenas alguns topónimos, por exemplo os nomes terminados em—briga, como Conimbriga. E' que os dialetos celtibéricos foram pouco a pouco caindo em desuso, dada a adopção da lingua latina. Esta substituição deve ter sido um processo demorado e supõe-se que tenha havido primeiramente uma fase de bilinguismo, isto é, em que as linguas pré-romanas ibéricas e o latim tinham sido falados simultaneamente.

Por cedo terem reconhecido as vantagens que poderiam auferir do uso do latim, e, por uma necessidade cada vez maior de comunicação entre vencidos e vencedores, os primeiros ter-se-iam decidido a aprender a lingua dos segundos, e à medida que a fusão das raças mais se acentuava, o latim tornou-se a única lingua falada por todos.

Depois de nos termos referido ao substrato pré-romano que deu a sua contribuição à lingua latina, vamos agora referir-nos aos superestratos que também prestaram a sua quota-parte para o seu enriquecimento.

Foi por volta do século V que o Império Romano, já decadente, começou a sofrer os ataques de povos bárbaros, que vinham do norte da Europa. A Península Ibérica foi então invadida por hordas de Suevos, Vândalos, Alanos e por último de Visigodos, que acabaram por vencer as tropas romanas e nela se estabeleceram.

Estes povos germânicos eram agueridos e bárbaros a tal ponto, que ainda hoje existe o termo «andalismo» como sinónimo de destruição e atrocidades de toda a ordem, nota marcante que caracterizou estes povos, por onde quer que passaram.

A influência das linguas germânicas não veio alterar a estrutura latina, uma vez que, sendo os invasores uma minoria em relação aos povos vencidos, embora conseguissem impôr-se passageiramente, acabaram por ser por eles absorvidos. Essas linguas apenas vieram enriquecer o léxico do latim, com termos militares, como «guerra», «escaramuça», «espora», «estribo», «galope», «brandim», «trepar» (no alemão existe ainda hoje o termo «die Treppe», que significa «escada») e ainda nomes de lugares e pessoas, peças de vestuário e objectos caseiros.

No século VIII outro povo invadiu a Península e nela se estabeleceu durante vários séculos — o povo árabe. Consgo trouxe técnicas agrícolas completamente desconhecidas na Península, grande espirito comercial, a sua religião, a sua arte e a sua lingua, que aqui se divulgou ao ponto de se ter tornado oficial, embora temporariamente, e ter exercido importante influência nos dialetos românicos em formação. O português regista alguns milhares de palavras de origem árabe, das quais se salientam termos ligados à agricultura e a técnicas e instituições introduzidas por este povo como, por exemplo, «azinha», «nora», «arroz», «azeite», «açúcar», «xarope» e, duma maneira geral, todas as palavras começadas por «al», como «Algarve», «alcoól», «almotolia», «alguidar», «algarismo», e ainda a curiosa expressão «oxala», termo que empregamos tão frequentemente, e que é afinal uma invocação a «Alá» — «och Alá», isto é, «Alá queira».

São portanto muitas e várias as palavras e expressões de origem estrangeira que penetraram no latim falado. A par deste Latim Falado, a que se designava de Vulgar ou Popular, porque de facto era a lingua do povo, acessível, com extrema liberdade, existia o Latim Clássico, a linguagem dos poetas e das classes elevadas, essencialmente escrito.

E' o Latim Popular que mais nos interessa, uma vez que foi dele que nasceu o Português, bem como as outras linguas românicas. Da sua evolução, das diferentes influências que nas várias regiões nele tiveram as linguas autóctones, e, principalmente, da desagregação do Império Romano, que fez cessar a unidade política e cultural das diversas províncias que o constituíam, surgem as linguas românicas ou novi-latinas, entre as quais se conta o Português, além do Francês, do Provençal, do Italiano, do Romeno, do Castelhanó e do Rético, este falado numa pequena região da Suíça.

Da primeira fase do português, a chamada proto-histórica, que vai do século IX até fins do século XII, quase nada sabemos, pois que, embora já se começasse a distinguir do latim, era este que continuava a usar-se nos poucos testemunhos escritos que datam dessa época — testamentos, doações e escrituras.

Os mais antigos documentos em lingua portuguesa, um «Auto de Partilhas» de 1192 e a «Cantiga da 'garvaia'» de 1198, encontram-se ciosamente guardados na Torre do Tombo, em Lisboa.

Entra-se, portanto, na fase histórica da lingua, aquela em que já há registo escrito do idioma.

Mas o português deste «Auto de Partilhas» estava ainda muito longe do português actual. Muitos foram os fenómenos fonéticos por que passou através dos séculos, muitas as influen-

cias sofridas, muitas as palavras estrangeiras introduzidas na lingua, mas afastar-me-ia demasiado do tema se me propusesse descrever em pormenor toda esta evolução.

Referirei apenas que desde muito cedo começa a haver a preocupação de elaborar gramáticas e dicionários que expliquem o significado das palavras, que ensinam a escrever e a falar, com vista ao desenvolvimento e fixação do português.

Não só os gramáticos e os peritos da lingua tiveram papel relevante mas também, num campo diferente, as instituições religiosas, pelo que diz respeito à ministração da educação e ainda ao aperfeiçoamento do nosso idioma. Mosteiros e conventos, como o de Alcobaça, o de Santa Cruz de Coimbra, o de S. Vicente de Fora, o de Évora, foram centros de capital importância para o cultivo e divulgação da lingua e da literatura. Anexas a estes funcionavam escolas para leigos e a acção dos monges como copistas e tradutores foi a todos os títulos louvável.

A lingua portuguesa começou então a ganhar vida própria e os seus passos a principio hesitantes e trémulos, como os de uma criança, deram lugar à passada ousada e viva de um jovem adolescente.

Tal como os que a falavam, esta pequena faixa de terra a ocidente da Península não era suficiente para as suas ambições. Era preciso ir mais longe, ao encontro de mundos desconhecidos. Sentiu-se atraída pelo mar e embarcou nas caravelas com os seus marinheiros, e pela boca deles chegou a lugares inóspitos e afastados, e foi ensinar o nome de Portugal aos povos mais primitivos. Levada pelos missionários foi-lhes mostrar a falsidade dos deuses pagãos, e ensinar o nome de Cristo e a sua doutrina.

Temos pois que salientar o papel preponderante que para a expansão da lingua portuguesa no mundo tiveram os Descobrimientos. E ao falar de Descobrimientos vem-nos à mente o nome do Infante D. Henrique, esse homem extraordinário que conta com a admiração do Mundo inteiro, porque o Mundo inteiro reconhece e exalta o valor do seu empreendimento. A ele dedicou toda a sua vida e a sua fortuna pessoal, na ansia de dilatar a Fé e o Império e de satisfazer a sua própria curiosidade científica.

E a par do nome do Infante ficaram gravados para sempre na História, a letras de ouro, os nomes de João Gonçalves Zarco, Tristão Teixeira, Bartolomeu Perestrelo, Gil Eanes, Baldaia, Nuno Tristão, Dinis Dias, Diogo Cão, Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Fernão de Magalhães e tantos outros.

Estes homens valorosos e destemidos, enfrentando perigos sem conta, levaram o nome de Portugal e a lingua portuguesa às mais recônditas paragens do mundo, à Africa, ao Oriente, à América...

E a lingua Lusa já não se falava só na estreita faixa da Península Ibérica; falava-se em Porto Santo e na Madeira, nos Açores e em Cabo Verde, na Guiné e em S. Tomé e Príncipe, no Brasil, em Angola, em Moçambique, em Goa, Damão e Diu, em Macau e em Timor...

Para estas novas terras partiram missionários e colonos. E se os colonos trabalharam arduamente, sofreram privações, doenças, dificuldades de toda a ordem, e a sua obra foi indubitavelmente digna da nossa admiração e louvor, os missionários tiveram um papel tanto ou ainda mais importante do que os colonos. Eles foram os mais desinteressados e entusiastas obreiros da civilização portuguesa e cristã.

A evangelização das novas terras começou logo após a sua descoberta, e, à preocupação que os missionários tinham de expandir a fé de Cristo, vinha juntar-se a da divulgação da cultura portuguesa e a do ensino do idioma pátrio. Para melhor servirem estes fins, elaboraram gramáticas, publicaram vocabulários em português e nas linguas indígenas, traduziram o catecismo, fundaram escolas.

continua na 7.ª página

Registo Social

Julz Conselheiro António Teixeira de Andrade

Por motivos imperiosos de saúde, e a seu pedido, foi desligado do serviço este nosso ilustre confratão.

Formado pela Universidade de Coimbra, seguiu a Magistratura, tendo servido, como Delegado do Ministério Público, nas comarcas de Moncorvo, Rexende, Agueda e Porto, em Vila Flor, Albergaria-a-Velha, Tomar e Agueda como Juiz, tendo sido Corregedor em B. ja e Lisboa, Desembargador em Coimbra, sendo depois nomeado Inspector Judicial e Juiz do Supremo Tribunal de Justiça.

Filho do falecido advogado da nossa Comarca, Dr. António Joaquim de Andrade, deixou o seu nome ligado às Comarcas por onde passou, tendo-se prestigiado em todos os cargos que exerceu.

De fino trato, viveu a sua mocidade com a mocidade de Espinho de então, sempre com desvanecido orgulho de se considerar Espinhense, embora não tivesse nascido na nossa terra, onde constituiu familia e onde quis que nascesse o seu filho, terra natural de D. Alice Pena de Andrade, sua Esposa, já falecida.

Fazemos votos pelas suas melhores condições de saúde, dando-nos o prazer do seu inestimável convívio.

Albertino de Oliveira Sengo

Acompanhado de sua dedicada esposa, esteve nesta vila, e teve a gentileza de vir cumprimentar o nosso Director e pagar a assinatura deste ano, e nosso prezado assinante e amigo, sr. Albertino de Oliveira Sengo, considerado técnico de tinturaria na Fábrica de Lanifícios de Lardelo, Porto.

O nosso amigo, deixou-nos 60\$00 para os pobres nossos protegidos. Agradecemos.

Benjamin Rodrigues de Oliveira

Do regresso da Venezuela (Caracas) onde se encontrava há 17 anos, encontra-se entre nós, e deu-nos o prazer da sua visita, o nosso prezado confratão e assinante, sr. Benjamin Rodrigues de Oliveira.

O sr. Rodrigues de Oliveira, durante a sua prolongada ausência deu provas de ser um bom espinhense, e Amigo de nosso jornal. Foi com prazer que recebemos a sua visita.

DOENTE

Já regressou à sua residência, depois de se ter submetido a nova intervenção cirúrgica, esta no Hospital de N.ª Sr.ª da Ajuda, o nosso prezado amigo, sr. Álvaro Antunes Moura. O seu completo restabelecimento, eis o que sinceramente lhe desejamos.

O Portugal Euro-Africano e o Brasil...

continuação da 1.ª página

Brasil em Africa — o que significa uma expansão natural da sua área de influência.

Portugal, País euro-africano, tem de ser compreendido como tal pelos brasileiros de todos os matizes se estes quiserem, na verdade, a grandeza da sua própria Pátria.

E a grandeza das Pátrias não se mede pela extensão territorial; mede-se pela influência que tem no Mundo, pelo que representam como forças representativas de uma civilização. No caso, da Civilização Ocidental.

FÉLIX DE PAIVA

Jazigo

Precisa-se dum Jazigo-Capela no cemitério de Espinho. Falar na Rua 35, n.º 364-Espinho.

Camisaria MIMO
A última moda em todos os seus artigos
Camisas TREVIRA-TER ETEL
Peugas TV e BÉTA
Cintas e Soutiens PETER
PAN e MAIDENFORM
Meias e Lingerie Caron
Calçado Campeão Português
Gabardines e Confecções
Rua 19 n.º 337 ESPINHO Telefone, 920752
O proprietário deseja aos seus Ex.ºs Clientes e amigos uma Páscoa muito feliz.

“Conheça a sua Terra”
Visite o AERO CLUBE DA COSTA VERDE, com o seu BAR-RESTAURANTE junto à Lagoa de Paramos.
PARQUE INFANTIL - STAND DE TIRO - PRAIA
E se nunca voou, faça o seu baptismo de voo.



A Biblioteca de Espinho

Esperávamos ver no Plano de Urbanização de Espinho, uma maquete de um futuro imóvel para Biblioteca-Museu Municipal. Mas a nossa esperança gorou-se. Terá sido esquecimento ou desinteresse? Será que a cultura custa a entrar na Vida de Espinho? Será que não haverá leitores e público para ler, ouvir e apreciar livros, conferência, representações ou exposições de artes plásticas, filatelia, etc., etc.?

Para quê tanta celeuma em pedir liceus, escolas, que arrastam para a nossa terra milhares de alunos, se não lhes dão uma biblioteca Municipal à altura das suas necessidades de aprender e instruir?

A população estudantil exige que se olhe para este problema que reputamos de essencial para a elevação do nível educativo. A vila pede mais este imóvel para a sua valorização.

Temos apreciado nos últimos tempos alguns planos de urbanização de vários concelhos e temos visto com agrado, que em todos esses planos é preocupação constante dos seus mentores a construção de um edifício para a Biblioteca-Museu.

Ocorre-nos, neste momento o projecto e a maquete do novo edifício da Biblioteca-Museu Municipal a construir na Figueira da Foz e que tivemos ocasião de apreciar em toda a sua dimensão.

Grandioso empreendimento, que contará com o auxílio de Fundação Calouste Gulbenkian, e a participação do Ministério das Obras Públicas, aquele imóvel ficará situado mais ou menos a meio da parte antiga e dos Bairros modernos da cidade, com acessos fáceis às escolas e colégios e que se enquadrará bem dentro da urbanização do

local.

O novo edifício compreenderá a sala-auditório, museu e biblioteca.

O auditório comportará 220 lugares sentados e um palco para representações e concertos assim como uma cabine de projecções e equipamento técnico.

Na sala-museu serão expostas peças arqueológicas cerâmicas e material etnográfico. Haverá uma outra sala para exposições, além daquela que há-de servir para sala de leitura.

Neste conspecto geral apresentado em esboço rápido, podem os leitores avaliar a importância do empreendimento e do valor estético-cultural da obra que a Figueira da Foz, numa demonstração insofismável de que tem homens

à altura dos seus pergaminhos, apresentará aos seus municípios.

E' um projecto desta envergadura que Espinho precisava para a valorização no campo da cultura que, diga-se em abono da verdade, não está à altura do seu valor noutros aspectos.

Não teremos homens capazes de levar em frente a efectivação deste problema? Se os temos, aproveitêmo-los, se não procurêmo-los, porque os há.

Peça-se à Fundação Gulbenkian a sua ajuda e ao Estado a sua participação mostrando com números e factos a necessidade de tal empreendimento, que além de todas as razões, a população estudantil exige e pede.

por Francisco Manuel do Couto

ROMAIN ROLLAND

Sim, Romain Rolland continua vivo e presente no espírito de milhões de leitores espalhados por todo o mundo. A uma distância de vinte anos sobre a sua morte, as obras de Romain Rolland legadas à literatura universal são sucessivamente editadas e reeditadas em todos os países. Sinal de uma presença luminosa que cada vez se afirma com mais força e esplendor, a obra de Romain Rolland atravessa uma fase de crescente expansão mesmo em países cujas limitações idiomáticas não permitem larga audiência internacional.

Para comemorar o centenário do nascimento de Romain Rolland, o conselho de ministros da União Soviética nomeou uma comissão composta por cientistas, autores célebres e personalidades conhecidas no mundo político e artístico, presidida pelo professor Anisimov, director do Instituto de Literatura Mundial. Assinale-se que na Rússia as tiragens das obras de Romain Rolland atingem milhões de exemplares. Na Universidade de Zagreb, realizaram-se uma grande exposição bibliográfica, cursos, conferências, emissões pela Rádio. Na Bulgária, efectuou-se uma sessão solene na Universidade de Plovdiv e uma parte do Beethoven foi editada com mais de 7000 exemplares, que rapidamente se esgotaram. Na Hungria, foi publicada uma 2.ª edição de Alma Encantada, numa tiragem de 72 000 exemplares. No Japão, a Radiodifusão Nacional fez emissões com leitura de trechos das versões japonesas de Pedro e Lúcia e Jean-Christophe. Na Roménia, começou a ser publicada a soma romanesca Alma Encantada, com uma tiragem de 7 600 exemplares, e editada parte da

Brotéria

Publicada em Lisboa, sob a direcção de Manuel Antunes, safu o número de Março desta importante revista católica de cultura.

Do seu vasto e valioso recheio destacamos: «Progresso: Fases e Formas», de Pedro Palhais; «O Ultramar e o III Plano de Fomento», de J. F. Nunes Barata; «Vida Religiosa e Reestruturação Social», de António da Silva; «Gil Vicente Sobre—Realista», de João Mendes. Insere ainda críticas de literatura, por João Maia e Alves Pires; de cinema, por E. de Vasconcelos além doutros artigos de actualidade religiosa. No final apresenta-nos uma extensa e bem informada bibliografia nacional e estrangeira.

correspondência dirigida a Sofia Bertolini, com 10 000 exemplares. Em França, onde o centenário de Romain Rolland se está a realizar com o patrocínio do governo do presidente De Gaulle, a popularidade do grande escritor assinala-se na existência de numerosos «afilhados» — crianças a quem os pais dão nomes das personagens criadas por Romain Rolland, sobretudo de Jean-Christophe e Marco, o filho de Anita Rivière de Alma Encantada. Em Portugal «Alma Encantada» é publicada pela «Portugália Editora».

As Liuras e as Hamens

um escritor brasileiro: Machado de Assis e o seu "Quincas Borba"

1 — Machado de Assis nasceu a 21 de Junho de 1839, na cidade do Rio de Janeiro, ainda nos tempos do Império. Filho de pai mulato forro e de uma açoreana da ilha de S. Miguel, muito cedo aprendeu a sentir na sua carne as agruras de uma vida dura de trabalho, pois foi aprendiz de tipógrafo e revisor de provas, ao mesmo tempo que começava a publicar os seus primeiros trabalhos em jornais e revistas.

Não se lhe conhecendo o ter frequentado qualquer escola ou feito quaisquer estudos mais ou menos orientados, Machado de Assis, mercê do seu talento nato, iludido por leituras seleccionadas e convivências com escritores e intelectuais pelas redacções dos jornais, consegue, aos vinte e um anos de idade, ser admitido como redactor num dos mais importantes jornais do Rio: «Diário do Rio de Janeiro». Começou aqui, pode dizer-se a sua admirável carreira nas letras que dignificou com o seu talento, dedicando toda a sua vida à tessitura das suas obras, e que só acabaria com a sua morte, a 29 de Setembro de 1908.

2 — Romancista, poeta e dramaturgo, os seus textos valem como lições de gramática, de exímio burilador que era da língua portuguesa que conhecia até às suas últimas ressonâncias e que usava mesclada com matizes expressivos dos dialectos tropicais do sertão brasileiro.

Considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos, louvado e homenageado ainda em vida, nunca deixou de ser o homem humilde que sempre fora, o amigo fiel do seu amigo. Era o potótipo do homem-artista, do homem-espírito a quem nunca a vaidade e a glória subiram à cabeça nem mesmo quando fora eleito para a Academia Brasileira que ajudara a criar, e fora seu presidente perpétuo. Assim o retratam os seus numerosos biógrafos que estudaram profundamente a sua vida e a sua obra, para nos darem tanto quanto possível a dimensão total deste Homem.

Como criador literário, Machado de Assis, juntava à sua arte a emoção mais viva, o sentimento mais íntimo, através dum estilo limpo e conciso, na criação psicológica de cada personagem, por mais fugidia que ela fosse, na descrição dum cena por mais insólita ou superficial que parecesse.

Através das suas páginas, que são autênticas amostras da língua clássica, Machado de Assis, dá-nos um panorama tão verdadeiro quanto justo da sociedade brasileira do seu tempo, páginas essas que são um manancial sempre vivo onde o historiador social pode ir buscar tipos, sentimentos, gestos, emoções, ditos etc. etc. para os seus estudos da conduta hu-

mana e estruturas sociais do tempo do Império.

Com efeito as suas observações, de espírito arguto, com uma pontinha de ironia que não fere os seus apontamentos do simples quotidiano que passavam quase despercebidos dos demais, levam-nos a penetrar no fundo psicológico da alma humana, a conhecer e a interpretar mais profundamente a sua conduta. A sua pena era assim um autêntico bisturi que dissecava penetrantemente, minuciosamente todos os meandros dos estados psicológicos.

3 — A inclusão do presente romance, «Quincas Borba» na colecção «Obras-primas da língua portuguesa», da Bertrand veio despertar o interesse sempre manifesto do leitor português por este escritor clássico brasileiro. Recheado de numerosas notas elucidativas, tanto biográficas como bibliográficas da autoria de Thiers Martins Moreira, valoriza ainda mais esta edição tão preciosa, particularmente, para os estudantes da literatura brasileira.

«Quincas Borba», foi um dos romances que lhe deu mais notoriedade nos meios literários do seu país. Nas suas páginas perpassam figuras-chaves da sociedade brasileira do seu tempo, mórmente alguns tipos bem definidos nos seus contornos psicológicos: é Rubião, o tipo do professor humilde de provincia; é Sofia, tipo de «mulher-coquette», numa constante potencialidade de adúltera, valendo-se dos seus olhos negros, dos seus experientes oito anos de casada, da «sua cintura e tronco comprimidos no corpinho de lá fina»; é Cristiano Palha, marido de Sofia o tipo do homem ambicioso que oferece a própria mulher aos dentes vorazes dos amigos para ascender a um «lugar ao sol» na escala social.

E é à volta destas três personagens que se desenrola a trama emocional do romance, sob a influência de Quincas Borba, o filósofo, amigo de Rubião que ao morrer deixou a este a sua herança e a sua filosofia. — Alcançar a vitória a qualquer preço.

Esta herança e esta filosofia juntamente com as aventuras patéticas dum amor fugidio com Sofia, levou-o, de um pobretanas que era, ao fastio que a fortuna sempre proporciona e à loucura que o vitimou.

Com este livro, Machado de Assis, não pretendeu outro desiderato do que legar à posteridade, o retrato da sociedade que o rodeava, dum sociedade corrompida e que seguia, no geral a teoria de Quincas Borba — Alcançar a vitória a qualquer preço.

por Francisco Manuel do Couto

"História Paralela dos E. Unidos e da U.R.S.S."

de André Maurois e Louis Aragon

Sabendo do interesse pelos problemas que neste momento preocupam todo o homem consciente, tomamos a liberdade de lhe oferecer algumas indicações úteis sobre uma obra excepcional de que Publicações Europa-América iniciaram, agora a edição regular. Trata-se de «História Paralela dos Estados Unidos e da URSS», em 11 volumes, 4 dos quais dedicados aos Estados Unidos e escritos por André Maurois, esse tão famoso técnico de assuntos norte americanos e historiador de envergadura universal.

Os 7 restantes são dedicados à U. R. S. S. e devem-se a Louis Aragon, um dos maiores escritores franceses do nosso tempo e conhecedor íntimo da vida soviética em todos os seus aspectos.

Diremos ainda, que esta, «História Paralela» é o primeiro estudo digno, do género, balizado em 1917, ano em que os Es-

tados Unidos saem do seu isolamento e se lançam abertamente na intervenção mundial, surgindo como grande potência, com cujos métodos de acção poderemos concordar ou não, mas cuja presença não pode ser ignorada; ano em que a velha estrutura asiática da Rússia sofre o choque de uma revolução nova, a revolução socialista de Outubro, que fará dela o colosso dos nossos dias. São divergentes os caminhos que de então para cá os dois Estados prosseguiram; desses caminhos e das suas conclusões dependem, não obstante, a nossa vida, a nossa segurança e o nosso futuro.

Eis, pois, o motivo por que consideramos esta obra um empreendimento excepcional, que lhe permitirá rectificar ou aprofundar os conhecimentos sobre o assunto e lhe facultará uma leitura verdadeiramente alician-te.

ORGANIZAÇÃO BANCÁRIA
PINTO DE MAGALHÃES

PORTO-RUA DE SÁ DA BANDEIRA, 53 • LISBOA-RUA DO OURO, 95

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO EXTERIOR

Poesia Cubana Contemporânea

Déjame tu sabor...

de Dulcilia Cañizares Acevedo

*Déjame tu sabor a tierra brava.**Quiero tener la sangre
poblada de raíces
que tengan tu sabor.**Las campanas silvestres,
las de color n orado,
— aquellas que me traen
el recuerdo lejano de la infancia —
Ya saben de tu nombre junto ao mio,
y te aman!**Las ásperas cortezas
con gotas de resina
me hacen querer pegarme
a tu corteza fuerte
como pequena gota de resina quemante.**Los juncos de la orilla
— como aquellos que vincos una tarde...
como los más lejanos
de mi niñez estraña
me traen tu saludo
de hoja
tu cálido ademán
de acariciarme.**Y aquí florezco en lágrimas,
esperando tu tierra
Y apagándome...***Deixa-me o teu sabor...**

Tradução de Ismália Santos

*Deixa-me o teu sabor a terra selvagem.
Quero ter o sangue
entranhado de raízes
que tenham o teu sabor**As campânulas silvestres,
as de cor lilás
— aquelas que me trazem
a lembrança longinqua da infância —
já sabem do teu nome junto ao meu.
E te amam.**Os ásperos golpes
com gotas de resina
fazem querer colar-me
ao teu sulco profundo
como pequena gota de resina ardente.**Os juncos da margem
— como aqueles que vimos uma tarde...
como os mais longinquos
da minha meninice estraña —
trazem-me a tua saudação
de filha,
o teu cálido gesto
de me acariciar.**E aqui floresço em lágrimas
esperando a tua terra.
E extinguindo-me.*

Dulcilia Cañizares Acevedo — *Apreciada poetisa cubana, nasceu em Santiago de Las Vegas em 1 de Maio de 1936. Com entranhado amor à sua terra e ao seu país, escreve os seus primeiros versos em Topes de Colantes, evidenciando já um saudosismo de cambiantes líricos que viria a ser a sua linha dominante. Em 1965 publicou o seu primeiro livro de poemas, «Raíces y Ternuras» de rara sensibilidade poética. É redactora da revista «Albatroz» onde tem dado à estampa poemas de sua autoria.*

O Prémio Nobel da Literatura

Partiu do Brasil, mercê de alguns intelectuais daquele país, a iniciativa de propor a candidatura conjunta de dois monumentos de língua portuguesa, ao Prémio Nobel: Ferreira de Castro e Jorge Amado. Esta resolução suscitou uma onda de entusiasmo e de aplauso nos meios literários brasileiros que se manifestaram em toda a Imprensa. Contrariamente ao que se passa no Brasil, aqui em Portugal parece que há pouco entusiasmo em apoiar tal iniciativa. Tal procedimento, parece-nos injusto, pois trata-se de dois escritores de língua portuguesa de grande projecção universal.

Esperemos que os responsáveis reconsiderem e dêem toda a sua adesão a esta iniciativa, que dignificará a nossa língua e a tornará conhecida no mundo.

Prémios Literários da Agência-Geral do Ultramar

Foram homologados, por despacho do Ministério do Ultramar, os prémios do Concurso de Literatura Ultramarina, de 1957, promovida pela Agência-Geral do Ultramar.

Na modalidade de Poesia, o «Prémio Camilo Pessanha», no valor de dez mil escudos, foi conferido à obra UEVU (Oicam), de Maria Teresa Galveias.

O «Prémio Frei João dos Santos», também de dez mil escudos, correspondente à modalidade de Ensaio, foi atribuído a Amândio César, pelo seu livro *Parágrafos de Literatura Ultramarina*.

Na terceira modalidade, de Novelistica, o «Prémio Fernão Mendes Pinto», igualmente de dez mil escudos, foi conferido à obra *O Homem que Tinha a Chuva*, de Orlando de Albuquerque.

Quanto ao «Prémio João de Barros», da modalidade de História, não foi atribuído a nenhuma das obras concorrentes.

Nota-se que, de ano para ano, o número de obras apresentadas ao Concurso de Literatura Ultramarina tem vindo a aumentar, demonstrando-se assim o interesse que tal iniciativa da Agência-Geral do Ultramar tem provocado entre os autores de livros de temas ultramarinos, os quais, por seu turno, contam com um público cada vez maior e mais vivamente atraído pelo que de novo apresentam, no seu contexto, aquelas obras, directamente relacionadas com as realidades e os progressos da vida do Ultramar.

Literatura e Arte

Com este título apresenta o novo jornal «A Capital» o seu suplemento literário. Recheado de valiosa colaboração tanto literária como artística, este suplemento vem a ser o melhor que se publica na Imprensa Diária.

Seara Nova

Do seu número de Março saientamos os seguintes artigos: «Devemos suprimir os Exames?» — entrevista com o Dr. M. Toussaint; «Problemas de interpretação literária, por Alberto Ferreira. Misérias e Graudezas da Feira Francoforte», por Fernando Namora. «Economia Espanhola» por Miguel Cuclair e ainda críticas de literatura, artes plásticas, música, teatro e cinema.

Eres

de JOSÉ DE LA TORRE MUÑIZ

*...Esbelta palma
que en la ribera
de un apracible lago
se balancea...**...hermosa dalia
linda, diamola,
tirenio y lozano lirio,
banca azucena...**...fragante rosa,
fulgida estrella
ondina juguetona,
ángel que sueña...**...luz, armonia,
ritmo, cadencia,
nota ajuda de arpa
que el aire puebla...**...a veces gota
de agua que tiembla
en el cálice de un nardo
como una perla...**...a veces nubre
que se pasea
por la azul infinita
región etérea...**...rima, eres verso,
eres endecha;
eres la gentil musa
de algun poeta...**...el arroyuelo
que serpentea
la esmeralda llevando
de sus riberas
reflejada en sus ondas
de plata nueva...***És***Esbelta palmeira
que na margem
de um aprazível lago
se balancea...**...Formosa dália
linda anémoma
terno e suave lírio,
branca açucena...**...fragante rosa
fulgida estrela
ondina brincalhona
anjo que sonha...**...luz, harmonia,
ritmo, cadência
nota aguda de harpa,
que o ar envolve...**...As vezes gota
de água que treme
no cálice de um nardo
como uma pérola...**...As vezes, nuvem
que passeia
pelo infinito
região etérea...**...rima, és verso,
és endecha;
és a gentil-musa
de algum poeta...**...o riacho
serpenteia,
levando o verde
da suas margens
refectida
nas suas ondas
de prata nova...*

Tradução de ISMÁLIA SANTOS

Noticiário

Para o 7.º volume da VERBO-ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA estão publicados mais dois fascículos: 79.º e 80.º Abrangem da conclusão do artigo ESCRITA e ESPONGIÁRIOS. A ordenação alfabética recheou estes fascículos com temas de mais alto interesse, destacando-se pelo desenvolvimento das referências, os vocábulos: ESCRITURA — Sagrada, 4 páginas; ESCUDO 6 páginas; ESCULTURA, 4 páginas; ESPAÇO, 5 páginas; ESPANHA, dezenas de páginas; ESPARTA, 3 páginas; ESPÉCIE, 4 páginas; ESPIONAGEM, 3 páginas; ESPIRITISMO e ESPÍRITO 12 páginas.

O artigo ESPANHA que nos fascículos 79.º e 80.º da VERBO-ENCICLOPÉDIA LUSO-BRASILEIRA DE CULTURA se desenvolve ao longo de quarenta páginas, é subscrito por D. Pedro Rescamora, conselheiro cultural da Embaixada do país vizinho em Portugal no que se refere a Literatura e Teatro e Artes Plásticas. Bernardino Llorea, professor da Universidade de Salamanca e Domingos Maurício assinam as desenvolvidas notas sobre a História Religiosa Filosofia e Teologia.

Estão publicados os fascículos 9.º e 10.º de A ARTE POPULAR EM PORTUGAL Ilhas Adjacentes e Ultramar, da Editorial Verbo.

Conclui-se ncles o estudo do Arquitégo dos Açores, por Armando Cortes-Rodrigues, e inicia-se o de Cabo Verde, por Nuno de Miranda.

Su figura o penúltimo fascículo de AS GRANDES POLEMICAS PORTUGUESAS, obra que a Editorial Verbo lançou para revelar ao público um as-

pecto menos conhecidos da intelectualidade portuguesa. O fascículo em referência encerra as últimas páginas antológicas do estudo de João Bigotte Chorro sobre a «Orfan» contém as «Polemicas de António Sérgio», por Jaime Nequeira Pinto, e acrescenta as primeiras folhas do ensaio de António José de Brito sobre O espírito polémico de Alfredo Pimenta.

Aparece pela primeira vez em língua portuguesa, numa cuidada tradução de Maria Mercês de Mendonça Soares, a célebre obra de Lewis Carroll ALICE NO PAÍS DO ESPELHO, livro clássico da literatura infantil universal, que a Editorial Verbo apresenta na sua «Biblioteca da Juventude». ALICE NO PAÍS DO ESPELHO é a sequência das singulares aventuras descritas em «Alice no País das Maravilhas», publicado na série gigante da coleção Verbo Infantil em versão abreviada. O volume é ilustrado com os desenhos originais de John Tenniel, o colaborador artístico de Carroll, como ele, igualmente célebre graciosidade das suas criações.

Na «Biblioteca da Juventude», da Editorial Verbo, apareceu agora OS SEIS E O MISTÉRIO DO PARQUE, de Paul-Jacques Bonzon, escritor francês galardoado com o «Grand Prix du Salon de l'Erfinee». É uma das mais bem concebidas novelas de «suspense» deste autor, tão apreciado em França com a série dos «Sels», como é famoso na Inglaterra B. W. Hildick com a série «Jm».

**CONFIDENTE**

A maior organização do País na compra, venda de propriedades e colocação de capitais

FUNDADA EM 1933

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS

22.000.000\$00

PORTO

Rua Passos Manuel, 14-1.º

LISBOA

Rossio 3

Sensacional!

TELE-ROCHA

Oferece um brinde a todos os seus Clientes e Amigos que no dia 15 de Abril (2.ª feira de Páscoa) visitarem o seu novo estabelecimento no âng. das Ruas 18 e 31, para verem a enorme gama de:

- * Mobílias em todos os estilos
- * Móveis combinados
- * Balcões frigoríficos em variados modelos com fogão e banca acoplados
- * Congeladores de todos os tipos
- * Frigoríficos industriais e domésticos
- * Rádios-Móveis com F.M Sterea
- * Móveis c/ TV, Rádio e Gira-discos com F.M Sterea

*Máquinas de lavar * Landeeiros de todos os estilos*

Grande variedade em Maples e Sofás-Camas

TELE-ROCHA é ainda Agente de:

Sonapgás, Rádio e TV das marcas:

Ponto Azul e Loewe-Opta, de fabrico alemão; Sylvania, Pilot, Ferguson e Pam, todos de origem inglesa

Frigoríficos e Congeladores alemães Bosch e Krefft * Máquinas de Costura Elna e de Tricotar (Passap (Suíças))

Colchões Epeda e Delta-loc

Companhia de Seguros Sagres

TELE-ROCHA

JOAQUIM ALBERTO PINTO DA ROCHA

Estabelecimento: Rua 18-988 — Telefone 920325

Exposição e Residência: Rua 18-943 — Telefone 920977

ESPINHO

Grandes descontos e facilidades de pagamento

Assistência técnica em todo o material

A IMPRENSA REGIONAL

Neste momento em que a «Defesa de Espinho» perfaz mais um ano de actividade a juntar aos 35 da sua existência, julgamos não ser descabido expor algumas considerações sobre o importante papel que cabe à Imprensa Regional no progresso em todos os sectores da vida da região que cada um dos seus órgãos serve e

defende.

Repositório dos anseios e aspirações, mostruário fiel das realizações e empreendimentos já feitos, porta-voz das necessidades e problemas de diversa ordem, a chamada pequena Imprensa, tem vindo a cumprir nestes últimos anos, a maior parte das vezes à custa de sacrifícios em trabalhos e

fzenda, o papel para que foi especificamente criado e elaborado: fomentar o progresso económico, social e cultural da região que devotadamente

se propôs defender.

E, com efeito, através destes Semanários, que, muitas vezes, se não quase sempre, chega ao conhecimento dos governantes os problemas e as necessidades que afligem e limitam as respectivas terras. É que nas suas páginas palpita todo o coração da terra que defende; é o sangue da própria terra que lhe dá a Vida e a Esperança; são lágrimas e risos, triunfo e tristezas, todo um manancial de sentimento colectivo unido na defesa de uma causa comum: o engrandecimento e a praieira da sua terra e dos seus Homens; é o e o indestrutível entre a Terra e o Homem num abraço que se projecta na Eternidade na recordação daqueles que fizeram das suas terras lugares de progresso e de prazer para os vindouros.

As suas colunas ora lembram aos mais jovens o seu passado, ora informam os contemporâneos do que se passa na região e no mundo, ora elucidam o leitor da beleza das suas paisagens, do exótico dos seus panoramas, da antiguidade dos seus monumentos, da amenidade do seu clima, da originalidade dos seus artistas, da claridade das suas praças, do valor dos seus homens de acção... Apertam erros, contribuindo para a rectidão dos mesmos, criticam atitudes, morigerando os costumes, aliviam empreendimentos, valorizando o potencial económico-social da terra, angariam subsídios ajudando os pobres e os desafortunados, organizam espectáculos, fomentando o turismo e consequentemente o crescimento dos negócios do comércio e da indústria e além de tudo o mais revelam, não poucas vezes, verdadeiros talentos na arte de escrever. São autênticas escolas dos primeiros passos do jornalismo, profissão apaixonante, ingrata e muitas vezes criticada e incompreendida. Conhecemos muitos jornalistas e homens de letras que se «fizeram» nas pequenas redacções dos

modestos semanários da Imprensa Regional. Neste momento estamos a lembrarmo-nos do nosso velho e sempre recordado amigo, Manuel Laranjeira que aqui na «Defesa» ensinou os seus primeiros voos nas letras jornalísticas. Foi na leitura dos seus escritos que começamos a saborear a sua prosa de fina ironia causticante, sempre de pena espontânea para as injustiças, sempre de dedo em riste a acusar e a responsabilizar os mescos e os incrédulos, os derrotistas e os mal-intencionados, os politiqueros de café e os críticos de algibeira. A sua voz repercutia-se ao longe e durante alguns anos foi o porta-voz das necessidades e problemas de Espinho que os conhecia como ninguém. Foi aqui na «Defesa» que Manuel Laranjeira começou a sua brilhante carreira de jornalista sincero e actual que é hoje, possuidor duma prosa convincente e actuante.

Por tudo isto que a Imprensa Regional nos oferece tão generosamente, merece todo o nosso carinho, todo o nosso apoio incondicional para a sua manutenção e existência, porque ele é, sem dúvida factor fundamental do progresso duma região.

Estas palavras, neste momento eufórico da vida de um jornal que é sempre a comemoração do seu aniversário, servem em toda a sua plenitude e significado para caracterizar a vida da «Defesa de Espinho». Com efeito, ao longo de trinta e seis anos da sua existência «A Defesa» tem pugnado sem desfalecimentos, embora à custa de pesados sacrifícios, pelo engrandecimento de Espinho, contribuindo sem dúvida alguma para o progresso social, económico e cultural da terra. Desejamos por isso à «Defesa de Espinho» e ao seu director Benjamim da Costa Dias, longos anos de existência em prol do Concelho que se propôs servir e defender.

Francisco Manuel do Couto

LINHAS DE BORDAR "ANCORA"

Sortido completo, com óptimas condições, para fornecer Liceus, Escolas, Colégios Femininos, Bordadoras, Professoras e Alunas de Lavoires.

— Casa das Lãs —

Agente das Máquinas de Tricotar «BUSCH» — ensino grátis

O maior sortido em Lãs, Nacionais e Estrangeiras, tais como, da «PATONS» etc.

RUA 19 N.º 221 TELEFONE, 92 0142 — ESPINHO



Auto-Viação Espinho, Lda.

Assinalando o 34.º aniversário da sua fundação ao serviço dos transportes rodoviários de Espinho, saúda os seus Ex.mos Clientes e o Público em geral

CARREIRAS DE AUTOCARROS ENTRE:

Espinho-Porto Esmoriz (Praia)-Esmoriz (Estação)
Espinho-Silvalde

Póvoa de Baixo (Grijó)-Praia da Granja (Estação)

AUTOCARROS PARA EXCURSÕES

N. B. — Nos nossos serviços os Ex.mos Passageiros viajam a coberto de responsabilidade ilimitada contra acidentes.



a protecção e o conforto do seu carro!

Se o carro é novo, FLINTKOTE evita o início da corrosão.
Se não é novo, FLINTKOTE evita o progresso da corrosão.

DIRIJA-SE A: ESTAÇÃO DE SERVIÇO de Clemente S. R. Sabença
ESPINHO



Casa - Aluga-se

Na Rua 25, n.º 452, muito central, com 3 quartos, despensa, quarto de banho, quintal, etc.
Informações — Rua 18, n.º 735.

TERRENO

Murado Vende-se, gaveto das ruas 20 e 37. Tratar com Emília Marques Carvalhas, Rua 35 n.º 493 em Espinho.

A Casa Angélica,

participa às suas Ex.mas Clientes, que acaba de ser nomeada vendedora em Espinho, dos Soutiens e Cintas TRIUMPH, de fama mundial.

Assim, a Casa Angélica, que também é vendedora dos igualmente famosos Soutiens e Cintas MAIDENFORM, continua na vanguarda, ao serviço da elegância e moda feminina.

Casa Angélica - Rua 19 n.º 209 - Telefone, 92 02 36 - ESPINHO

SEMANA DESPORTIVA

Secção dirigida por AGOSTINHO TAVARES DE ALMEIDA

Correspondência Apartado 91

Futebol

GAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO Zona Norte 21.ª Jornada

Os encontros da 21.ª jornada deram-nos os seguintes desfechos:

Vizela 1 Leça 0; Tramagal 1 A. de Viseu 2; Espinho 0 Famalicão 0; Covilhã 1 Gouveia 1; Torres Novas 2 Beira Mar 1; Penafiel 1 Lamas 0 e Salgueiros 1 U. Tomar 0

Classificação

	J.	V.	E.	D.	F.	C.	P.
U. Tomar.....	21	13	4	4	44	-24	30
Torres Novas.....	21	11	5	5	45	-28	27
Salgueiros.....	21	10	6	5	29	-19	26
ESPINHO.....	21	9	5	7	29	-34	23
Beira Mar.....	21	8	5	8	29	-23	21
A. de Viseu.....	21	8	5	8	24	-29	21
Leça.....	21	7	6	8	29	-26	20
Tramagal.....	21	5	10	6	24	-23	20
Covilhã.....	21	8	4	9	24	-25	20
Penafiel.....	21	9	2	10	32	-34	20
Gouveia.....	21	7	5	9	33	-40	19
Famalicão.....	21	5	8	8	23	-31	18
Vizela.....	21	7	1	13	31	-55	15
Lamas.....	21	5	4	12	32	-37	14

ESPINHO 0 FAMILIÇÃO 0

Jogo no Campo da Avenida. Sob a arbitragem do sr. Albano Pereira, de Viseu, as turmas alinharam:

ESPINHO — Valdemar; Quim, Alcobia, Silva e Murças; Ribeiro e Miranda; Jardim, Momado, Bagon e Luciano

FAMILIÇÃO — Santana; Vitor, Filipe, Janela e Iria; Vilaça e Rodolfo; Aurélio, Fita, Carneiro e Franquelim.

Os espinhenses decepcionaram neste jogo contra o Famalicão. Ambas as turmas jogaram francamente mal, mas os locais tinham obrigação de fazer mais e melhor, não só por actuar perante a sua massa associativa no seu próprio campo, como também por possuir um conjunto nitidamente superior.

É incrível pensarmos que ao longo dos 90 minutos, os locais levaram poucas vezes a bola à baliza contrária e sem grande perigo, por oportunidade da defesa minhota, actuando em grande plano. Podiam ter desobstruído um futebol mais prático e descontrolado, sem se emburalharem demasiadamente com o esférico, visto que se a vitória lhes surgisse, apenas seria o prémio para o mais categorizado conjunto, dando-lhe a oportunidade de discutir os primeiros lugares da tabela.

O jogo foi de uma p breza franciscana de lado a lado, mas temos de concordar que o Famalicão, pela situação ingrata em que se encontra na tabela, tinha necessidade de conquistar pontos, pelo que devia cuidar sobretudo da sua defensiva, como aconteceu. Prendendo muito bem os movimentos da nossa linha média, os locais jamais podiam desenvolver a sua ofensiva com clareza, perdendo a bola frequentemente por «mastigar» demasiadamente o esférico, sobrepondo-se o seu adversário com mais antecipação.

Vários cantos se marcaram para um e outro lado, mas nenhum resultou.

O Famalicão só não venceu o encontro por demasiada infelicidade, pois nos quinze minutos derradeiros tiveram por duas vezes a baliza à sua mercê com o guarda-espinhense batido. Depois do grande confusão junto à linha de goie, a bola acabou

por não entrar. O público, tributo ao tigre da Costa Verde um coro de assobios, castigando assim a má actuação da equipa local. Embora não concordemos com o gesto do nosso público, temos que verificar que não só em Espinho é que estas coisas acontecem, mas sim em todos os campos. No final do encontro, os jogadores minhotos manifestaram-se alegremente pelo belo resultado obtido, e não é para menos...

JOGOS PARA AMANHÃ:

A. de Viseu-Leça; Famalicão-Tramagal; Gouveia-Espinho; Beira Mar-Covilhã; Lamas-Torres Novas; U. de Tomar-Penafiel e Salgueiros-Vizela.

Festa de homenagem a José Alcobia

Conforme já havíamos noticiado, realiza-se já depois de amanhã, 2.ª-feira, no Campo da Avenida, a anualizada Festa de Homenagem a um dos mais dedicados atletas do Sporting Clube de Espinho — José Alcobia.

Muito cedo Alcobia se entregou de toda a alma e coração ao nosso mais velho clube, depois de ensinar os primeiros passos aos juniores do S. Felix da Marinha. Foi uma vida.

Dos juniores às reservas e daí ao primeiro grupo, Alcobia demonstrou sempre a sua real categoria, dando inúmeras ardes de glória ao clube por quem envergava as suas cores. Não foi só pela acção de futebol que Alcobia passou, mas também no voleibol, este moço marcou inesquecível presença, cotando-se como um dos melhores.

Na 2.ª-feira, porém, é o dia de todos nós lhe mostrarmos a nossa gratidão e o nosso afecto, comparecendo no Campo da Avenida, para tomar parte activa na sua Festa de Homenagem.

Do programa são tamente elaborado, constará dois desafios de futebol. O primeiro, que terá início às 15.30 horas, constará do jogo entre um mixto da selecção de Aveiro, contra a equipa de honra da Sanjoanense.

O mixto da selecção aveirense, será formado entre os seguintes jogadores: Do Beira Mar: José Pereira, Abdul e Brandão; do Paços de Brandão: Daniel; do Leuros: David, Adriano, Sídio e Pacheco; do Lamas: Piruta, Barrigana, Arnaldo, Morais Alves e Ismael; do Ovarense: Pereira e Monteiro; do Oliveirense: André; do Felrense: Noé, Amadeu, Lopes e Mário João.

Às 17.30 horas, haverá o jogo principal entre as equipas de honra do Sp. de Espinho e do F. C. do Porto.

Como já é do conhecimento de todos, pelo Espinho alinhará durante os primeiros 45 m. o avançado-centro e ex-jogador espinhense Capitão-Mor, que certamente irá delirar e nosso público com algumas belas jogadas como lhe é habitual.

Dada a categoria do programa, não nos admiramos, se o tempo permitir, de ver a emoldurar o nosso parque de jogos alguns milhares de espectadores.

Os preços de ingresso, serão de 10\$00 para o péo, e 20\$00 para a bancada.

Parabens, pois, Zé Alcobia e boa sorte.

Atletismo

No domingo passado, no Estádio das Antas, o atleta do Sp. de Espinho, Maria José, obteve o primeiro lugar

SPORTING CLUBE DE ESPINHO Convocatória

A pedido da Direcção do Clube, nos termos do n.º 16.º do art.º 96.º dos Estatutos, convoco os sócios no pleno gozo dos seus direitos a reunirem em Assembleia Geral Extraordinária no dia 17 de Abril corrente, pela 21.ª hora, na sede, à rua 8 n.º 737, com a seguinte ordem de trabalhos:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1.º — Leitura e Aprovação da Acta da Assembleia anterior;
- 2.º — Deliberar sobre o assunto respeitante ao bilhete especial de ingresso no Campo de Jogos até 31 de Dezembro de ano corrente, ou possível aumento de cotização.

Se à hora fixada não estiverem presentes sócios que representem a maioria, a Assembleia funcionará uma hora depois, seja qual for o seu número, conforme determina o art.º 89.º dos estatutos.

Espinho, 9 de Abril de 1968
O Presidente da Assembleia Geral
Joaquim Moreira da Costa Júnior



Agradecimento

Joaquim José Duarte Faria

Seus pais, José Gonçalves Faria e Cecília Rosa Simões Duarte Faria, e restante família, por este único meio, manifestam o seu sincero agradecimento a todas as pessoas que, pela sua assistência ao funeral, pela sua assistência à Missa do 7.º dia, ou por outro qualquer modo, lhes patentearam a solidariedade pelo falecimento de seu desventurado filho, irmão e sobrinho, Espinho, 12 de Abril de 1968.

PERDEU-SE

Nesta Vila, uma carteira contendo:

Bilhetes de entidade civil e militar; cédula pessoal e outros documentos referentes a DOMINGOS MOREIRA DE CASTRO, residente em Capela-Penafiel.

Agradece-se e solicita-se os bons officios da pessoa que a encontrar no sentido de proceder o mais breve possível à sua entrega na Polícia de S. Pública de Espinho.

Passa-se

Estabelecimento, mercearia e vinhos, falar na Avenida 8 n.º 1481.

Terreno Vende-se

Sito no Monte Lirio- Espinho, com a área de 1.500 metros quadrados. Telefone 92 05 25

no lançamento de peso, com a distância de 15,18 metros.

Está de parabens a secção de atletismo do S. C. E. por mais este êxito e juntar a tantos outros de Maria Luísa.

«A Língua Portuguesa no Mundo»

continuação da 2.ª pág.

A Companhia de Jesus cabe a acção mais preponderante nesta tarefa evangelizadora, mas a par dela trabalharam missionários Franciscanos e Dominicanos, Capuchinhos e Agostinhos. Ao Oriente ficaram para sempre ligados os nomes de S. Francisco Xavier, o grande Apóstolo das Índias, e o S. João de Brito; ao Brasil os de José Anchieta, Manuel da Nóbrega e Padre António Vieira.

Vemos pois o idioma português espalhado pelos cinco continentes, não apenas nos locais onde exercemos domínio político ou comercial, mas também nos lugares com os quais tivemos contactos de qualquer ordem ou onde existiram comunidades missionárias, influenciando línguas e culturas orientais e subsistindo até mesmo aos nossos dias.

No Sião usavam-se dialectos portugueses até ao fim do século passado, em Java ainda se cantam melodias portuguesas, no Arquipélago Malaio continuam a dizer-se orações e ladainhas em português. Um facto muito curioso é o que se passa na Holanda ainda hoje. Os descendentes dos Judeus que se refugiaram nas antigas feitorias da Flandres, quando foram expulsos de Portugal no tempo da Inquisição, e que, como lapidadores, dominam o mercado dos diamantes, continuam a falar português entre si.

Espalhados por todo o mundo há presentemente núcleos de portugueses, que guardam ciosamente a sua língua e a utilizam no ambiente familiar, editam jornais em português, e promovem reuniões para mais facilmente contactarem uns com os outros.

Se a expansão ultramarina por um lado teve como consequência a divulgação da língua portuguesa no mundo, contribuiu, por outro, para o enriquecimento do nosso idioma, porque muitas palavras provenientes das línguas autóctones foram anexadas pelo português. Por vezes aconteceu até que as interferências linguísticas foram tão numerosas e profundas que surgiu uma língua nova, diferente das que lhe deram origem — o crioulo.

As línguas crioulas, tão vulgares nas nossas províncias ultramarinas, em Angola, em Moçambique, em Cabo Verde, em S. Tomé e Príncipe, na Guiné, em Macau, resultam, pois, da fusão do português com línguas africanas ou asiáticas, embora cada vez se accentue mais a preferência dada ao português, com progressivo abandono dos dialectos crioulos.

E o nosso idioma fala-se também no Brasil, essa grande nação do continente Sul-Americano, descoberta em 1500 por Pedro Álvares Cabral. Apesar de se ter tornado independente em 1822, o Brasil não esqueceu o muito que deve a Portugal, e as duas nações continuam intimamente ligadas por laços de amizade indestrutíveis, pela mesma nobreza de ideais, por interesses comuns e, muito principalmente, pela língua, que ambas defendem com zelo e amor.

Nesse sentido têm-se promovido contactos, reuniões, simpósios, e eminentes linguistas de ambos os países têm trabalhado, e continuam a trabalhar, conjuntamente para o engrandecimento e unificação da língua portuguesa. Impõe-se destacar o Acordo Cultural Luso-Brasileiro e o I Simpósio Cultural Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea, ambos tendo em vista o referido objectivo, o enriquecimento desse património comum que é a Língua.

A Comunidade Luso-Brasileira não é uma expressão oca e sem sentido; é real e palpável, dia a dia fomentada. Atestam-no o intercâmbio cultural e desportivo, atestam-no as constantes e mútuas visitas de amizade de homens de estado, jornalistas, escritores e estudantes, atesta-o sobretudo e elo vivo que liga Portugal e Brasil: a língua portuguesa.

Neste ano em que se comemora o V Centenário do nascimento de Cabral, mais que nunca as duas nações se vão sentir irmanadas na mesma gratidão e no mesmo preito de homenagem para com esse grande navegador, que é bem o símbolo da amizade que as une.

Não era justo que terminasse esta pequena palestra sem fazer referência ao insigne cultor e propagador da língua portuguesa, ao nosso maior épico, cujo nome se identifica com o da própria Pátria, tal como o de Shakespeare se identifica com a Inglaterra e o Goeth com a Alemanha. O maravilhoso poema que nos legou — «Os Lusíadas» — figura entre as poucas obras imortais do mundo inteiro, equiparado à «Odisséia» de Homero e à «Divina Comédia» de Dante. Para provar a expansão que o poema teve no mundo, basta citar a colecção de valor incalculável de edições d' «Os Lusíadas», que o último monarca de Portugal, D. Manuel II, legou, já no exílio, à sua pátria. Esta colecção, que há vários anos atrás esteve exposta no Museu Soares dos Reis, antigo Palácio Real das Carrancas, na cidade do Porto, consta de preciosíssimas edições d' «Os Lusíadas» em todas as línguas europeias e até orientais, algumas delas em letra gótica riquíssimamente ilustradas com iluminuras.

Não só Camões como também outros escritores portugueses, desde os mais remotos aos actuais, têm sido objecto de estudo por parte de estrangeiros interessados pela língua

portuguesa em muitas Universidades do mundo, onde as aulas de português são largamente frequentadas.

O interesse que o nosso idioma desperta nos países civilizados demonstra-nos os Cursos de Férias que as nossas Faculdades de Letras promovem todos os anos no Verão, e a que acorrem numerosos alunos de todas as latitudes. Demonstram-nos ainda as traduções para línguas estrangeiras de livros de Eça de Queirós, Ferreira de Castro, José Régio e tantos outros baluartes da nossa literatura.

Infelizmente, porém, a opôr-se ao interesse que a nossa língua desperta em tão grande número de estrangeiros, regista-se entre nós, nomeadamente na camada mais jovem, um lamentável desconhecimento do nosso idioma e do seu valor, e o emprego abusivo do calão e de palavras e expressões importadas, que só vêm contribuir para o empobrecimento da língua e que constituem um perigo para os valores étnicos e éticos do povo.

A língua que embarcou nas caravelas e mostrou «novos mundos ao mundo», a língua do grande Camões, de Eça, de Herculano, de Camilo, de Ramalho Ortigão, de Aquilino, a língua que ainda recentemente Sua Santidade o Papa utilizou em Fátima para se dirigir ao mundo inteiro, não pode, nem deve, ver-se relegada para segundo plano, maltratada, amesquinhada.

É necessário, pois, que nos orgulhemos da riqueza e da variedade do nosso vocabulário, da beleza, da melodia e da universalidade da nossa língua.

É urgente que tomemos consciência da responsabilidade que nos cabe em manter intacta a herança dos nossos antepassados para que a possamos legar intacta aos nossos vindouros.

E termino empregando palavras que Eça de Queirós pôs na pena de Fradique Mendes:

«Falemos nobremente mal, patrioticamente mal as línguas dos outros. Falemos com impecável segurança e pureza a língua da nossa terra.»

FALECIMENTO

Augusto da Silva Proença

Faleceu em 11 do corrente nesta vila, o sr. Augusto da Silva Proença, de 79 anos, casado com a sr.ª D. Olivia Horta Brioso, pai senhorinha Maria Luísa da Silva Horta, e cunhado do sr. Abílio Horta Brioso.

O finado era natural de S. Gonçalo-Guarda.

O funeral realizou-se no dia seguinte.

«Defesa de Espinho» Quadro de Honra de 1968

Dignaram-se já pagar a assinatura deste jornal para o ano de 1968, além de outros já registados, os nossos dedicados assinantes, seguintes, que assim demonstram não só a sua estima pelo jornal como o seu acrisolado patriotismo:

Moisés Pereira Ganho e Américo Alves de Sá, do Silvalde; Manuel Gomes Laranjeira, de Niterói-Estado do Rio-Brasil; Luciano Coelho da Costa Segadas, de Luanda (pagou 1968 e 1969); Dr. Geminiano de Oliveira, Manuel da Silva Gomes e Mário Fortuna Couto, todos de Espinho; Pedro Rodrigues, do Porto; Manuel Pereira da Silva, de Lourenço Marques; Irmãs Queirós, Bento Pinto de Andrade, Alfredo Miguel, Eng.º Alberto Vitó, Alvaro dos Santos Belezza, Carlos Ferreira da Silva Torres, Fausto Tavares Martins, Alberto Fernandes Padrão, Albertino Ferreira Cadilha e A. Manuel Simões, todos de Espinho; Abílio Horta Brioso, Manuel Alves dos Santos, Ualão Vinícius Abastecedor (Uva), Manuel Fernandes da Silva, de Espinho; Jua-Conselheiro, Dr. Mário Leni, Fernando Nery Neto, Delfim José dos Santos, Laurentino Alves Fardilha, Raul da Silva Cleto, Serafim dos Santos Tavares, Manuel Fernandes de Sousa, José Cândido Ferreira da Silva, todos de Espinho; Joaquim Pinto da Silva, de Domba Grande-Angola; Augusto Montinho, de Arrifana, recém-chegado do Brasil.

A todos testemunhamos o nosso muito reconhecimento.

Mulher ou Ropariga para l'impeza

Duas ou três vezes por semana — duas ou três horas cada dia — conforme se combinar.

Na Redacção deste jornal se informa.

CENTRO VIDREIRO DO NORTE DE PORTUGAL S.A.R.L.

Sede em:
OLIVEIRA DE AZEMEIS
(berço da indústria vidreira nacional)




VIDROS

Uso doméstico, decoração, embalagem, laboratório, etc.

Fabrico manual, mecânico e automático

FERRO

Fundição

Máquinas para o fabrico de lá de madeira

Válvula adufas e de retenção

Moldes, etc.

Lopes da Cruz & C.a, Lda.

Fábricas de Conservas «OCEANO»

Séde em Matosinhos

FILIAIS:

MATOSINHOS — ESPINHO
SETUBAL — PORTIMÃO (Lagôa)

N. da R. — A filial desta conceituada Empresa, em Portimão, situa-se em Lagôa e não Lagos, como por lapso se publicou, pelo que pedimos desculpa.

NECROLOGIA

Joaquim Augusto de Oliveira

Com 78 anos de idade, faleceu em 9 do corrente, em Silvalde onde residia, o sr. Joaquim Augusto de Oliveira, marido da sr.ª D. Emilia Alves Fernandes, e pai de D. Maria da Conceição, D. Balsemista, D. Lusbelo, D. Polónia e D. Laurinda Alves de Oliveira, e do sr. Joaquim Caetano de Oliveira, e cunhado do nosso amigo e assistente, sr. Albertino de Oliveira Sengo, residente na Praia da Grunja.

O funeral realizou-se no dia seguinte, com grande acompanhamento, para o cemitério de Silvalde.

A família salutada apresentamos os nossos pesames.

Terreno

MURADO vende-se no gaveto das ruas 22 e 37 com cerca de 420 m2. Falar na Rua 35 n.º 493 c/ sr.ª D. Emilia Marques Carvalhas.

A folha de papel selado passa a custar de 5\$00 para 6\$00

Por decreto-lei do Ministério das Finanças publicado no «Diário do Governo», é fixada em 6\$00 a taxa do papel selado referido no artigo 6.º do regulamento aprovado pelo Decreto n.º 12 700, de 20 de Novembro de 1926, considerandose alteradas em conformidade as taxas da Tabela Geral do Imposto do Selo, aprovada pelo Decreto n.º 21 916, de 28 de Novembro de 1932, e seus aditamentos, cujo pagamento deva fazer-se por aquela forma.

Continua em vigor, até à sua extinção, o papel selado da taxa de 5\$00, podendo completar-se a taxa agora fixada por meio de estampilha fiscal, colada e inutilizada na parte superior, junto ao selo, ou em seguida ao contacto.

O mesmo diploma introduz outras alterações na Tabela Geral do Imposto do Selo.

Aprendizes - precisam-se

De 10 a 12 anos. Instituto de Beleza Rua 12-576 - 2.º.

Correspondência para o Estrangeiro

Da Estação Central dos Correlos, do Porto, recebemos o seguinte comunicado, datado de 8 de Março findo:

A Administração do Jornal «Defesa de Espinho»

Nos termos do art.º 4.º n.º 1 da circular n.º 6703 18 E que passamos a transcrever «Deve recomendar-se ao público que acondicione devidamente as correspondências especialmente quando se destinem a países distantes. Em todos os casos, as correspondências devem ser acondicionadas de forma a evitar que outras correspondências nelas se introduzam e corram o risco de se extraviarem; não será permitida a aceitação de jornais ou publicações que não se apresentem devidamente citadas ou introduzidas num sobrescrito.

Aproveito a oportunidade para apresentar a V. os meus cumprimentos.

A Bem da Nação
O Chefe do 3.º Sector da Estação Central dos Correlos
(assinatura ilegível)

VEISEU E ESPINHO Cada vez mais perto

O nosso prezado confrade «JORNAL DE VEISEU», em seu número de 10 do corrente, transcreve na íntegra o artigo publicado no nosso número de 6 do corrente, gentileza que agradecemos.

EDUARDO MAIA MÉDICO

Boca - Dentes

Largo Marquês da Graciosa - 49

Telef. 92 00 34 — ESPINHO

TELE-ROCHA

DE

Joaquim Alberto Pinto de Rocha

Rua 18 N.º 945 - Telef. 920977
ESPINHO

Agente exclusivo em Espinho e arredores, das máquinas de tricotas

PASSAP

e de costura

ELNA

Os dois expoentes a últimas da indústriatrilça em tecido. Se tosem bem comparadas são as PREFERIDAS

Trespassa-se

Estabelecimento de Louças, artigos decorativos e electrodomésticos. Na rua 8 n.º 583, ESPINHO. Com ou sem recheio. Motivo à vista. Dão-se facilidades.

O Orfeão do Porto em digressão pelos Estados Unidos da América do Norte

Conforme a Imprensa diária tem noticiado, o «Orfeão Universitário do Porto anda em digressão artística pelos Estados Unidos da América do Norte onde tem sido recebido com muita simpatia por parte da colónia Portuguesa e por instituições americanas.

Da caravana orfeónica fazem parte dois contornos nossos, de Paramos, os sr.ªs Dr. José Gomes da Silva, ilustre professor da Universidade do Porto, e o estudante António Gomes da Silva, filhos do nosso prezado assinante e amigo, sr. Ramiro Pereira da Silva, da dita freguesia.

O sr. Dr. José Gomes da Silva, faz parte da equipa de cumprimentos ao Presidente Johnson, dos E. U. da América.

Silva-Alfaiate-Costureiro PRECISAM-SE

Ajudantes e Aprendizagens com ou sem prática, trabalho garantido todo o ano, paga-se bem informa a Redacção deste jornal.

Aluga-se

1 moradia nova com todos os requintos e garagem. Rua 18 n.º 71.

Livros Novos

«LA EXTRAÑA LLAMADA»

Com este sugestivo título a ilustre escritora luso-espanhola — CONCHA LINARES BECERRA, acaba de lançar nos mercados um novo livro que se nos afigura vir a alcançar extraordinário êxito.

Os livros de CONCHA LINARES BECERRA tem alcançado sempre o melhor acolhimento pela inspiração que todas as suas obras revelam.

Vamos endereçar-lo ao nosso artigo literário a fim de fazer a sua apreciação que estamos certos lhe será agradável.

Dr. Jaime Milheiro Médico - Especialista

DOENÇAS NERVOSAS E MENTAIS

Ex - Assistente estrangeiro da Faculdade de Medicina de Paris
Rua 23 N.º 88-1.º Telef. 920041

MARCAR HORA

Guarda-Livros

Aceita escritas em regime livre.

Informa na Rua 14 n.º 1059, ou pelo telef. 92 06 94 - Espinho

Cadinha & Couto

Arroz, Cereais, Azeitonas

ARMAZENISTAS

Armações e escritórios:

ANGULO DAS RUAS 18 e 20

Telef. 920052 - ESPINHO

Armazém de Mercadoria, aceites, farinhas e cereais

MÁRIO FORTUNA COUTO

Depósito de Açúcar, Tencido e Gordura

Telefone 920505

Rua 9-455 e 447 - ESPINHO

HORVA

FABRICA DE MOBILIÁRIO DE OBJETOS UTILITÁRIOS

Vimos, juncos, mistos e palafite

Rua 14 N.º 1244-1252 - Telef. 920291

ESPINHO

M. P. Moreira

Fábrica de guarda-sóis «ANFIBIO»

Fábrica de camisas «MARCO»

Rua 19-402 - Apartado 9

Telefone 920051 - Espinho

LUSO-CELULOIDE de HENRIQUES & IRMÃO, L.DA

Fábrica de Artigos de Celuloide e Plásticos

Telefone. 920070 - ESPINHO - Apartado, 22

Esquadras, Brevetas, Tencidos, Ganchos, Pontas, Cintos, Espalhos, Galandras, Cortinas para casas, Bicos, Sacos, Bonés, Acessórios para barbeio, etc., etc.

UVA

Porto — Gaia — Espinho

Vinhos Verdes Maduros e Rosseto

Para as Ex-mas Donas de casa uma garantia de qualidade em garrações de 5 litros, garrafas, meias e quarto

A' venda nos bons est



Régua — Torres Vedras

Aquisição directa na origem.

Qualidades esmeradas

Recomendamos, também o nosso Vinagre feito de vinhos puros e em garrações de vidro com rolha recuperável e também em luxuosas bilhas de plástico.

vinho Puro... Alimento Puro...

Fogões a gás

VITÓRIA E PROGRESSO

Duas marcas que se impõem

Fabricos com garantia e assistência técnica da

Fábrica Progresso

Manuel Francisco da Silva & C.ª L.ª

ESPINHO

A venda nos bons estabelecimentos, e na

Agencia Cidia - Rua 23-252